

# As Retadas

POR

António da Eira \*

Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia  
Professor da Escola Preparatória de Vila do Conde

## AS RETADAS

(Prática comunitária na aldeia de Quintã (Marão))

As *retadas* <sup>(1)</sup> são permuta de trabalho comunitário de muito interesse e importância na vida da gente de Quintã, aldeia e freguesia do concelho e distrito de Vila Real.

Não era costume, no povo de Quintã, aí pela década de trinta, pagar-se ao longo do ano uma única geira a qualquer vizinho.

Havia serviços comunitários e não comunitários.

Ao grupo dos primeiros pertencia: a conservação da igreja, do cemitério, do moinho da Barroca, que é comunitário ou do povo, e dos caminhos públicos também; e desde meados de Abril ao fim de Maio, as *vessadas*, para as sementeiras do «milhão» e das batatas; e ainda o limpar ou «fazer» os regos uns dias antes da festa do «São João», pois, pelo S. João, começam as regas dos «renôbos»; as segadas dos centeios e

---

\* Bairro Agro Velho, 2 — Aver-o-mar — 4490 Póvoa de Varzim.

(1) *Retada* tem como sinónimo a palavra *bezada* (de vezada ou à vez). *Bezada* teria dado origem à palavra *bessada* (vessada).

*Bizeira* é da mesma família de *vessada* (forma popular de *vezeira*), actualmente quase desusada em Quintã onde os rebanhos comunitários ou *vezeiras* desapareceram no princípio deste século.

dos trigos em Julho; o *fazer os linhos*, isto é, arranque, ripar e empoçá-lo, bem como as malhadas, em Agosto; as estrigadas e espadadas do linho em Agosto-Setembro; as esfolhadas do «milhão» em Outubro; as quatro partilhas dos «toijos» ao longo do ano e a partilha da lenha da Mouta, no fim da ceifa, antes dos gelos do Inverno.

O «*São Miguel*» corresponde ao tempo da recolha do milhão, do vinho e das castanhas.

Aos serviços públicos preside a Junta, sendo obrigatória a presença de uma pessoa de cada casa; e a marcação do dia e hora para isso destinados, é feita por aviso do pároco, na Missa Dominical.

Para os trabalhos agrícolas de maior relevo, como por exemplo as *vessadas*, comparece geralmente uma pessoa de cada casa, homem ou mulher, e da maior parte dos fogos. Para isso, apenas se faz constar: Tal dia, «antes do mei-dia» ou à tarde, é a minha «bessada». E não sendo de igual duração, as mais pequenas fazem-se pelos «antes de mei-dias»; e as maiores de tarde.

O Maio é cansativo e esgotante: tirar estrume, espalhá-lo, ganhar retadas, tornar retadas, tirar terrões, fazer «imbelgas», plantar batatas, etc., etc... é sem dúvida cansativo e esgotante. Tardes há em que se fazem quatro *vessadas*, de vizinhos diferentes, tendo de se repartir o pessoal por todas elas, ou para ganhar retadas ora para as pagar e ainda para ir alguém com a junta de vacas ajudar a puxar à charrua (que em Quintã continua a chamar-se arado, pela força da tradição).

Na generalidade, as retadas contabilizam-se. É corrente ouvir, entre os habitantes de Quintã, conversas alusivas às retadas, a toda a hora e momento, tais como as seguintes frases: já ganhei vinte e duas retadas; fulano teve na primeira *vessada* vinte e nove «pessuas» a cavar ó rego, fora os dos «arreios», que são as pessoas ocupadas em lavrar e gradar; de toda a «bezinhança» só não devo retadas a quatro casas que me não vieram à «bessada» dos Chalinhos. Ou: De casa do compadre vieram-me dois; portanto, só se de todo em todo for impossível, senão... temos de ir dois também.

É inata ou espontânea a vontade de «botar ãa mão» ao serviço dos vizinhos, mesmo sem se esperar, muitas vezes, pela torna de igual retada.

Os casais mais abonados, em relação aos de menos terras, ficam todos os anos em dívida. Os mais pobres acabando mais depressa os seus trabalhos, desinteressadamente colaboram, dando a ajuda que aos mais ricos faz falta. E nos anos trinta era vulgaríssimo os de menos teres, em dias lembrados, receberem a visita da senhora fulana, da casa xis, a entregar «úas calças novas pró piqueno», em agradecimento pelo serviço prestado, e ãa blusa prà tia avó»...

... «E quando se te casar a filha, nós cá estaremos para lhe dar a ajuda que ela bem merece do povo todo».

As palavras geira ou salário não tinham usança em Quintã, apesar de se ouvir falar em ganhar o dia ou ganhar a tarde, ali nos povos limítrofes.

Nesses difíceis anos trinta, o desnível entre os moradores de Quintã não era grande. Os lavradores, mais pela falta de braços do que pela questão da diferença de teres, viam-se obrigados a contratar um moço ou ãa moça, ou um moço e ãa moça para todo o ano; e alguns, só para o mês das vessadas ou para o das vessadas e do sacho (Maio e Junho). No mês da *ceifa*, alguns arranjavam moça que desse ajuda «pra fazer o S. Miguel».

A retada existia e ainda existe hoje, em Quintã, apesar da grande transformação (em curso) da vida social no meu meio agrícola, onde já existem quatro tractores.

O moinho da Barroca é comunitário. Anda dividido em retadas. Estas, pelas constantes partilhas ao longo dos séculos, já não mostram facilmente a sua história de origem. Há retadas de dois dias, de um dia ou de horas.

Existem as ruínas do moinho dos Barreiros, que era só da minha família. Terminou há poucos anos o seu labor.

Hoje, vários moradores usam o familiar moinho eléctrico.

No moinho hidráulico, geralmente, a retada era de vinte e quatro horas, desde o nascer do sol de um dia ao nascer do sol do dia seguinte, e de quinze em quinze dias, tempo considerado como suficiente para moer o cereal necessário ao consumo do casal nesse período.

Havia alguns moradores que, não tendo parte no moinho, pagavam renda anual aos que tinham retadas de sobra ou por herança ou por partilha inicial ou por possível compra.

Também as águas de rega andavam divididas em retadas.

A água do rio começava no dia de S. João, dividida por horas relativas a cada propriedade. Hoje creio que já ninguém sabe do número de tais horas, e a rega vai sendo feita com motores.

As retadas da Poça Velha, bem como as da Poça Nova, também são ditas «poçadas».

Regam determinadas terras, pelos usos e costumes imemoriais, sendo as duas poçadas diárias, uma de manhã e outra à tardinha, em rotação constante, indo um dono abrir e o dono seguinte tapar a poça à hora própria. Abre-se de manhã cedo a poçada da manhã; e abre-se à tardinha a poçada da tarde, de modo a poder tapar-se ainda com a suficiente claridade do dia.

No bocal da poça regula-se a maior ou menor saída de água com o auxílio de uma estaca. Se a pessoa a quem cabe a vez de tapar a poça encontra ainda muita água, tira a estaca para que a poça se esvazie a tempo.

Curiosas são as retadas da Poça da Fonte, assim chamada, por ter sido ali a melhor fonte da aldeia, acima do quintal dos Barreiros.

Reza ainda hoje a tradição que esta poça era e é de cinco casais. Assim continua a ser dividida e usada, conservando-se a estrutura medieval.

Sabe-se dos terrenos de cada um dos casais, que ainda hoje são representados nos apelidos familiares em uso.

Há todavia uma excepção. O casal dos Ranhões, assim denominado, não tem pessoa alguma com tal apelido que o represente na actualidade.

Por sucessivas partilhas, as retadas da água da Poça da Fonte podem ser de um dia, meio, ou apenas de algumas horas, mas sob a medieval estrutura dos cinco casais, vinda dos confins dos tempos velhos.

Hoje certo vizinho pode ter uma retada de quatro horas de água no casal dos «Martins», correspondente a um terço da propriedade da Veiga; e pode pertencer-lhe «meio-dia» no casal da Folgada, para o «Quinchoso da Porta»; e ainda mais tantas horas no casal dos Ranhões, para o Talho.

Estas retadas fazem-me crer que, de antigos tempos, o agro donde se arrancou o pão bendito com que fui criado, fora repartido por cinco povoadores iniciais. E se assim não foi, então surge outra hipótese:

«Quando se explorou a água da «Fonte de Cima», tendo em vista o incentivo das culturas regadas, e a distribuição da água de rega pela área, nessa hora foram apenas cinco os ousados a fazer a poça, ficando de fora outros que preferiram o tradicional milho miúdo — o dito milho alvo — e o painço. Sou pela primeira hipótese.

A Poça da Fonte foi buscar o nome à Fonte de Cima, que era a única fonte de água bastante bem canalizada. Pelo seu nome opõe-se à Fonte de Baixo, que é uma pobre nascente de mergulho quase expontânea, a brotar de sob o muro de suporte do «Quinchoso» das Aveleiras, à margem do caminho e sem condições higiénicas nem obra de arte a não ser três pequeninas pedras de xisto que lhe abrem uma rudimentar porta de saída. Para mais, seca quase todos os anos, em vindo o pino do Verão, ou quando: «em Agosto ardem os montes» ou «em Setembro secam as fontes» ou «em Outubro seca tudo».

O Milhão, em Quintã designa as várias qualidades de milho grosso que lá se cultivam, em oposição ao milho alvo. Este era usado como o arroz, em prato normal. Era descascado em moinho com as mós de cortiça.

Das várias espécies de milho, recorro que na década de trinta havia o milho amarelo, que amadurecia mais cedo; havia o milho branco do «piqueno», que se semeava nos terrenos mais pobres, e do milho grande sei que havia duas qualidades: o grande e o dente de velha, ambos de altura semelhante, avançando-se talvez coisa de um metro em relação ao milho pequeno, e semeado em terrenos mais produtivos e mais cuidados. O milho grande é branco. O dente de velha tem pintas pretas em alguns grãos da espiga.

### TRABALHOS NÃO PERIÓDICOS

Muitos dos serviços alheios ao ciclo rotativo anual, como por exemplo, fazer uma «carraria», constituem uma prova da união entre todos os vizinhos na entreatada que prestam sem excepção, jamais se recusando a colaborar para o bem comum.

Querendo fazer-se ou reparar-se uma casa, justam-se os pedreiros da Pena para o corte da cantaria destinada a janelas, cunhais e portas, pois o restante das paredes costuma ser cheio com a pedra de xisto, única existente na nossa área geográfica.

Os pedreiros marcam o dia para irem os carros de bois fazer a «carraria».

O dono da obra chama os vizinhos todos, se para todos houver carga. E ninguém se recusa.

O trabalho assume ares de festa. As melhores juntas de vacas levam ao pescoço os colares de múltiplas campainhas de metal, a dizerem do valor delas e do orgulho do seu dono a elevar-se tanto acima dos outros, quanto o som argentino a ferir os ares. <sup>(1)</sup>

É costume, de vez em quando, certo vizinho fazer uma «roçada».

Convida alguns homens para um dia irem cortar-lhe umas carradas da «toijos».

Vai-se gratuitamente, e de boa vontade, pois costumam ser feitas a pedido de um velho doente, ou de uma viúva

---

(1) O granito vai buscar-se à freguesia de S. Miguel da Pena.

sem filhos, ou de quem precisa de notório auxílio. Famílias que tenham mais do que um homem, certamente fazem os seus cortes de mato sem precisão da ajuda alheia.

Sempre houve a preocupação de prestar auxílio a quem de auxílio precisasse. Todavia, entrando no grande rito dos trabalhos, fazia falta respeitar certas normas. Por isso tem força e actualidade o rifão:

«Quem não tem vacas nem bois, ou antes ou depois».

Por força desta razão, a prudência era coisa exigida aos carecidos da ajuda dos outros. Até porque:

«Quem adiante não olha, atrás torna».

### AS RETADAS NO CASAMENTO

A Joaquina e o Augusto casaram-se no sábado.

Como o Augusto é do Pinhão, não está ao corrente dos usos e costumes. Por isso achou que oito dias depois de casados, seria tempo de irem conviver e confraternizar com todos os parentes dele.

— Não, — diz a noiva — não pode ser, Augusto.

— E porquê? Haverá nisso algum inconveniente?

Joaquina — Não é isso: oito dias depois do casamento, é o domingo das «visitas».

Tu não conheces; mas vais ouvir:

Todas as raparigas solteiras aqui do povo, e algumas parentes ou amigas até de fora do povo, é costume virem visitar os «esposados» e trazer uma prendazinha. São retadas que vêm ganhar. As casadas que eu visitei, essas vêm pagar as retadas ganhas por mim.

Nós, como é do costume, teremos de lhes oferecer a todas uns doces e vinho fino. E são muitas.

Vergonha seria nós não estarmos cá para receber as suas felicitações e as prendas.

Augusto — Já que assim é, vou pedir aos meus para virem cá nesse dia e trazerem o vinho fino.

E que prendas irás receber?

— Olha: Todas se regulam pelo valor das prendas que eu dei. Isto, quanto às casadas. As solteiras, essas é a amizade que pesa na acção: uma toalha de linho, bordada ou por bordar, uns paninhos bordados, uma saia, uma blusa, cousas de vidro ou de louça... E depois, também é conforme as posses de cada uma. Há quem ofereça um cobertor, uma coberta melhor ou pior, até uma cama de roupa bordada por si própria, para mostrar a muita amizade das famílias. A maior parte das prendas costumam ser de bragal.

E bragal que vem a ser?

— Já vejo por essa pergunta, que na tua terra não há linho...

Bragal é o tecido do linho que nós cultivamos e de que fazemos lençóis, colchões, travesseiras, almofadões, tualhas de limpar ou de mesa, guarda-pés, guardanapos, e muitas outras coisas; até o saco da farinha, o panal ou os próprios cueirinhos das crianças.

### CONCLUSÕES

Quintã era uma comunidade muito fechada em si, pouco comunicando com o exterior. Procurava bastar-se a si própria o máximo possível, dentro de um sistema económico sóbrio e rígido.

A tradição era algo sagrado que orientava tudo e todos na fiel observância dos usos e costumes.

Os trabalhos comunitários contribuíram para a estreita união de todos, fazendo dos seus quarenta fogos como que uma família patriarcal.

As «retadas» são janela por onde se espreitam as relações humanas dentro da comunidade.

Agro Velho — Fevereiro de 1985.

### SUMMARY

#### «Retadas»

The community tasks were a contribution for a strong union among them turning their forty humble homes into a patriarchal family.

The so-called «retadas» are the «window» through which the human relationships inside the community are observed.